



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

Director literario:  
*Alcides Amorim*  
 PAPIM

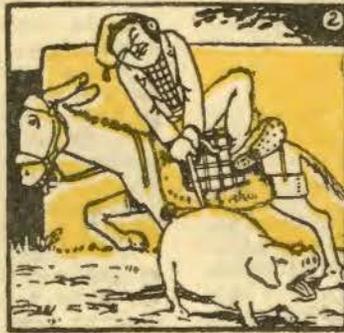
# O SECULO

Director artistico:  
*Eduardo Valle*  
 PAPUSSE

## A CAMINHO DA FEIRA



*Bermudes resolveu ir  
 Vender o seu porco à feira.  
 E ei-lo a scismar na maneira  
 De melhor o conduzir.*



*Uma corda a um pé lhe amarra;  
 E, montando no seu burro,  
 Muito teimoso e casmurro,  
 Puxava-o que nem um barra!*



*Porém, vendo o insucesso  
 Do sistema que engendrara,  
 A meio caminho, para  
 E descobre outro processo.*



*Pede ao seu compadre Bento  
 Que às costas lhe amarre o porco,  
 E assim, deitado de borco,  
 Ei-lo sobre o seu jumento.*



*Mas como o peso era assás  
 Maior que o peso do burro,  
 O jumento solta um zurro  
 E catrapús... catrapás...*



*Catrapús e catrapús!...  
 O porco desata a rir;  
 Pois em vez de o conduzir,  
 O porco é quem o conduz!*

mir, quando sentiu que as patadas do burro soavam duma certa maneira muito especial.

— Aquilo cheira-me a ôco, e o Pacífico, aproveitando os últimos raios de sol, deitou-se com unhas e dentes à terra que parecia remexida de fresco.

Tirou terra e mais terra, um montão de terra, e por fim encontrou uma argola paxou, upa, arriba, upa, e catrapuz deu uma réviravolta para dentro do buraco mas con-



seguiu tirar o caixote, porque era mesmo um caixote que estava dentro da cova; e aquela argola prendia-se à tampa. — Pela certa que dei com um tesouro, e o Joaquim, enquanto punha a caixa em cima do burro, dizia de si para si. — Lá pesado é êle, isto aqui deve haver uma fortuna, como a minha Bernarda vai ficar contente, e, pensando nestas cousas, adormeceu ao lado do seu tesouro.

No dia seguinte deu de novo com o caminho e tocando o burro chegou a casa.

A tia Bernarda, mal o viu, começou a descompô-lo; parecia impossível vir àquela hora; por onde passara a noite fóra de casa; aquilo é que era um marido, ela ali mortinha de trabalho e êle sem fazer caso.

— Deixa estar Joaquim, quando eu morrer é que vais ver a falta que eu faço.

O Pacífico muito comprometido, meteu o burro no curral — êle nem já sabia onde tinha a cabeça — e, agarrando no braço da mulher, levou-a para um vão do pátio:

Oh! mulher não faças cumintairos, porque eu encontrei um tesouro muito rico. *Magina* tu que êle estava enterrado debaixo da terra e eu desenterrei-o e trago-o em cima do burro. Não temos menos de cem contos e *pra* ri-ba, não *pra* menos.

A Bernarda apressou-se a ir ver o cofre. Ih, que coisa rica! era mesmo um baú e todo cheio de preguinhos dourados e tão polidos que pareciam mesmo ouro. — *Ouve lá, quanto maginas tu que tem? Pra as sessenta libras?! Eu, aos pois, faço umas arrecadas e compro um cordão.*

O Pacífico, que andava mesmo maluco de todo, foi buscar o martelo para à força abrir o cofre. Nada, êle nunca vira uma mão cheia de moedas muito loiras a rebrilhar. Logo, no domingo, havia de ir à missa com uma corrente feita de pintos muito pequeninos e todos de ouro.

— Não sejas idiota, estragar um baú tão bom! Mandasse fazer uma chave e aproveita-se tudo; olha vai tu aí acima e vê lá se encontras ou mandas fazer uma coisa baratinha.

O Pacífico fazia tudo que a mulher queria. Se o mandasse à cidade, lá voltava êle apesar da caminhada que dera, por isso já foi até à casa do ferreiro pedir que lhe fizesse uma chave pequenina por aquele molde que êle levava. E, à espera que a obra estivesse pronta, o Joaquim

entretinha-se a ver o ferreiro soprar a forja, bater e dar voltas e mais voltas.

A Bernarda com a ajuda dos filhos levava o baú para a cozinha, sentara-se a mirá-lo, com o Manel, o Pedro, a Rita, a Felismina e o Antóino, tudo à volta, e ia distribuindo a maquia que imaginava dentro daquele abençoado cofre.

— Oh! Manel, tu compras uma jaqueta nova e uma vara de cinco moedas para umas calças. Olha, vê lá se te *alembra* de mais alguma cousa.

— Oh! mãe e eu, e eu, perguntavam os outros. E era uma saia para uma, uma camisa de chita para outro, um colar para a Felismina, um relógio de prata para o Pedro, uma vasquinha para ela e mais umas botas e mais um lenço de seda de quartinho, e mais uma saia de baetilha para o inverno e umas *ciroulas de fitas* para o Antóino, que andava bem precisado, um espelho de moldura dourada, um porco para o Natal, duas quartas de chá fino, e mais isto e mais aquilo.

Só o Pacífico não apanhava cousa alguma; também não precisava. E' bôa, êle não fazia mais nada do que trabalhar, e tinha tudo muito bem conservado.

As andainas ainda duravam um par de anos, apesar de terem um rôr de tempo e a quinzena voltava-se e ainda durava.

Estava-se nisto quando apareceu o marido com a chave novinha em folha, ainda quente; custara-lhe um cruzado!

— Credo, que *home* sempre a lamentar o dinheiro.

O Joaquim meteu a chave na fechadura e deu uma volta, *tae...* outra, e outra; a Bernarda tapou os olhos, que comção, santo Deus! — até tinha o coração na boca. O Pacífico levantou a tampa, e todos espreitaram.

Que desilusão! o baú estava vazio, muito vazio mesmo; nem ao menos cinco reis para mandar cantar um cego; e alhavam todos uns para os outros.

— Eu não te dizia, rabujava a Bernarda, que isso naturalmente estava vazio, e perdeste tu a noite e eu o meu dia, foi bem feito para não seres ambicioso.

E, enquanto o marido arrumava o baú a um canto, ela foi para a janela e mal viu a *Ingrácia* começou:

— O visinha, voce *mece* não *magina* uma coisa assim!... eu nem *malembro*; estas só do meu *home*. Pois não se lhe meteu na cabeça que tinha achado um tesouro; era dinheiro para fulano, dinheiro para cicrano, umas arre-



çadas para mim, e afinal, não tinha nada para dar. Esta só do meu *home*, não acha tia *Ingrácia*?! e voltou para dentro a *sacudr* o pó ao marido.

# O TESOIRO DO TIO PACÍFICO

POR DURVAL PIRES DE LIMA  
DESENHOS DE EDUARDO MALTA



ro, tropeçara num degrau e fizera nas fontes uma nódoa negra.

O Joaquim *Pacífico* mal aparecia na rua era o gaudío da petizada. Trazia um escrito, ora num olho, ora numa orelha, ora a cara-caiada de alvaiada. As senhoras vizinhas, à boca pequena, diziam muitas cousas e, mal o viam, começavam a rir muito devagarinho. Pudera se em casa dele todo o santo dia era um — *dize tu direi eu* — e um reboliço que parecia o dia do juizo final.

O Joaquim andava cada vez mais magro, mais amarello, parecia mesmo tísico, enquanto a Bernarda ia engordando, engordando, que quasi não podia mexer-se. Tinha boas cores, mas, apesar disso, resmungava e queixava-se a toda a gente:

— Ai! tia *Ingrácia* o meu home é um não te rales, que nem a vizinha imagina. Veja como eu eston, quem me viu e quem me vê.

E a vizinha lambia os dedos, puxava o fio à roca e, depois de dizer que sim, voltava-se para dentro:

— Oh! Joaquina, a mulher do *Pacífico* está *ética* e coitado do marido.

Vivia o Joaquim uma vida tão atribulada, quando um dia vindo da cidade de vender umas sacas de farinha e estando o tempo muito escuro, foi dar a um covão feio e triste que parecia mesmo a casa do Diabo,

Bem pensou o Joaquim desta não me vejo hoje livre e,

**E**RA uma vez um homem chamado Joaquim, que era tão boa pessoa que toda a gente lhe chamava o *Pacífico*. Aconteceu, porém, por ele ser muito bom, que quiz casar-se com uma mulher da vizinhança já viuva e cheia de filhos, que mais parecia um homem tão barbuda era.

A tia Bernarda podia ser muito boa, mas como encontrou um homem tão pacífico, passou a ser mesmo uma bicha. Por dá cá aquela palha agarrava em um tamanco e zás... na moleirinha do pobre do marido que, como tinha muita vergonha, ia ao barbeiro e muito sério dizia:

— Oh! mestre, deite-me aqui uns emplastos que me caiu uma escada em riba de mim.

Ora a mulher tomou gosto em maltratar assim o Joaquim e raro era o dia em que ele não ia ao barbeiro por mais umas ataduras ou pintar-se de ioda.

Começou a dar que falar na aldeia tanto desastre uns atrás dos outros. Hoje, ao levantar-se, dera com o toução na vara do moinho; ontem, batera na esquina da porta e fizera um galo, ante-ontem, ao descer a escada do celei-



depois de amarrar o burro a um raminho de espinheiro, foi sentar-se a um canto, comeu um pouco de broa, bebeu umas goladas de água-ardente e despunha-se já a dor-



# MARIA ALONGA E A CABRA CABRIOLA

POR JOÃO BOTTO DE CARVALHO  
DESENHOS DE EDUARDO MALTA

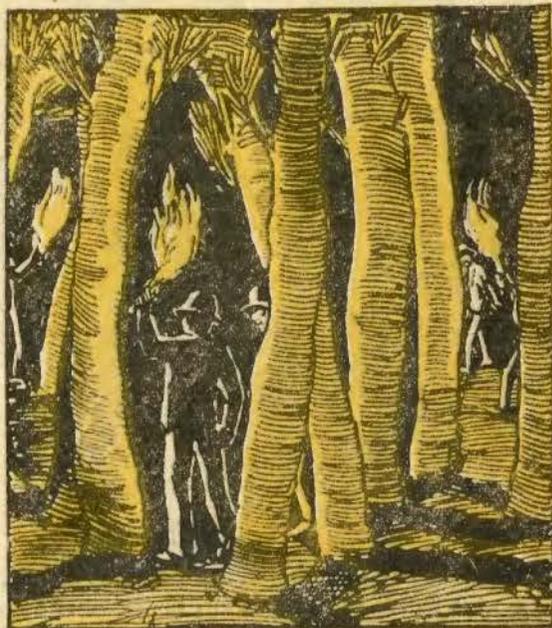
No meio dum pinhal cerrado e denso como se fôsse um bosque milenário, nêsse pinhal tão grande e tão escuro que era quasi sempre noite dentro dêle e ao certo se não sabia nem onde principiava, nem onde tinha o seu fim, é que vivia, na funda cova que na terra abrira, a velha Maria Alonga.

Era uma velha feia, de meter espanto e horror a vista dela. Alta e esguia, de nariz bicado, olhitos luzidios e careca no alto da cabeça, só com farripas amareladas sobre as orelhas e pescoço.

Tinha, talvez, mais de duzentos anos... E trezentos, talvez!

Ao certo ninguém sabia a sua idade, como ninguém sabia, pela certa, a história da sua vida, já hoje tornada incerta lenda, no constante passar de boca em boca.

Dizia-se (sabe-se lá porquê!) que há muitos anos, na



noite dos tempos, vivia naquela região, na companhia de seus pais, uma linda menina. Linda no parecer, porque na alma era feia o mais possível.

Os pais idolatravam-na. Filha única, tudo lhe davam, de tudo a rodeavam, para que nada lhe faltasse. Mas a menina pagava mal tanto carinho e tanta devoção. Apesar de ter um rostosinho como de santa num altar, era má como as cobras, mentirosa, malcriada, amiga de fazer mal, de bater, enfim, um poço de ruindade. Os pais mortificavam-se por ver que, dia a dia, a filha a quem tanto queriam piorava como se fôsse a imagem do demónio.

Por fim, quando chegou aos doze anos, ninguém a aturava. Desobediente como nenhuma. A mãe sempre a dizer-lhe que não fôsse para o grande pinhal, que era tão escuro, e ela sem fazer caso. E tantas vezes foi, que, de uma vez, entrou e nunca mais ninguém a viu de lá sair.



Naquela casa foi o fim do mundo. Enquanto a mãe chorava (coitadinha!) o pai, à frente dos criados e dos homens do campo, pôs-se a bater, em todos os sentidos, o cerrado pinhal. Três dias e três noites procurou, com archotes a iluminarem, um rasto, uma pégada, sinal qualquer de sua querida filha.

Foi tudo em vão. Toda a gente dizia que a menina morrera de fome ou de cansaço, ou de frio ou de susto. Os pais puzeram luto e nunca mais ninguém quiz entrar no pinhal.

Passados muitos anos — sei lá quantos! — começou-se a ouvir um grito muito agudo que, dentro do pinhal, todas as noites, sibilava sem fim.

O que seria? Viandante perdido ou grito de animal?! Alguns mais destemidos quizeram averiguá-lo. E voltaram de lá, os cabelos em pé, dizendo terem visto umasombra de negro, uma espécie de velha que andava em passos muito largos a gritar: — Sou a Maria Alonga. Meninos maus são para o meu jantar. Se apanho algum, se apanho algum...

O que seria? Logo uma doce velhinha, uma espécie de oráculo da terra, explicou que a Maria Alonga devia ser a menina má que no pinhal se perdera e que andava a expiar, por todo o sempre, a sua culpa, servindo de castigo para os outros.

Verdade ou mentira, todos acreditaram e assim ficou assente.

Realmente, desde então, meninos maus que houvesse por ali, se se não emendassem, vinha de noite a Maria Alonga e... era uma vez um menino.

Porém, a Maria Alonga não era a única sombra que povoava o pinhal. Uma outra a acompanhava, obedecendo às suas ordens prontamente, e a quem ela dizia:

— Anda cá, minha filha, minha Cabra-cabriola, minha doce maravilha...

E a Cabra-cabriola punha-se aos pulos, a roçar-se por

ela. Tinha o feitio duma cabra, com a única diferença de ter o pelo encarniçado e duas hastes muito finas e muito longas. Além disso falava como se fôsse gente. Tratava a Maria Alonga por mãe e corria tanto que era impossível alcançá-la. Uma e outra tinham por sua conta o pinhal todo. Ninguém se aventurava a entrar nele. E, deste modo, foram correndo os tempos...



... Foram correndo os tempos, muitos anos passaram... Continuou a haver meninos muito maus e a Maria Alonga e a Cabra-cabriola continuaram a fazer das suas,

Os mesmos gritos de noite, o mesmo pinhal onde os meninos não entravam nunca...

Mas, como os anos foram passando, a Maria Alonga envelheceu de tal modo que, por fim, já muito lhe custava a andar.

Vivia lá no tal buraco que tinha aberto na terra, e dizia, conversando com a Cabra-cabriola:

— Estou velha e estou cansada. Custa-me já a ir de noite buscar os meninos maus para o nosso jantar. Daqui para o futuro eu digo-te onde eles moram e vais tu, sósinha, buscá-los e trazê-los.

E assim era. A Cabra-cabriola, com três saltos, chegava a casa do menino mau, atirava-o ao ar com uma pancada, espetava-o nas hastes finas e levava-o para junto da Maria Alonga.

Esta, logo que o via, empertigava-se toda alegre, a dizer-lhe: « — Anda, meu menino, lindo menino. Com que então eras teimoso, malcriado, desobediente. Pois anda cá, que te vou fazer um bom menino.

E atirava com ele para dentro dum grande caldeirão. Ora, nos tempos de agora, não sei porquê, há cada vez mais meninos assim, muito maus, muito feios.

(Continua na página 7)





Continuação do conto:

MARIA ALONGA e a CABRA CABRIOLA

E, também não sei porquê, parece que os pais já não se importam que os filhos sejam assim tão maus e feios.

De modo que os afazeres da Cabra-cabriola multiplicavam-se tanto que andava magra e doente com tanta correria. Por outro lado, a Maria Alonga, com tanto menino cozido e refogado no caldeirão, já não sabia que lhes havia de fazer, vítima já de uns poucos de ameaças de indigestão.

Foi por esta altura que os papás dos meninos resolveram reunir-se em uma grande assembleia para deliberarem o caminho a seguir contra a Maria Alonga, que lhes levava os meninos. E dizia o papá mais velho, que fazia de presidente:

— Os nossos filhos estão cada vez mais malcriados. Nós não temos forças para os educar. Nem temos forças nem sabemos, porque também não fomos educados. No entanto, o que não podemos consentir é que a Maria Alonga, lá porque eles são maus, os roube das nossas casas e os leve para dentro do caldeirão do seu jantar.

Todos os papás estiveram de acordo. E logo ali combinaram juntarem-se todos com muitas armas, com foices e forquilhas, entrarem no pinhal e darem cabo da Maria Alonga e da Cabra-cabriola.

E assim fizeram. Eram muitos os papás dos meninos maus. Entraram no pinhal, com todas as precauções e,

depois de muito terem andado, em tão boa hora o fizeram que foram encontrar a Maria Alonga a dormir a sesta, fazendo uma suculenta digestão. Logo todos caíram em cima dela e todos a espetaram e cortaram até a matarem. Quando isso aconteceu, a velha deu um estoiro tão grande que todos os meninos ouviram em todo o mundo.

Mas a Cabra-cabriola, que era ágil e nova, quando tal viu desatou a fugir de tal maneira que essa é que os papás não apanharam, por mais esforço que fizessem. Voltaram todos para suas casas, contentes por terem dado cabo da Maria Alonga, mas tristes por não terem apanhado a Cabra cabriola.

De modo que, meninos maus, oiçam o que lhes digo: — A Maria Alonga morreu. Mas a Cabra-cabriola fugiu do pinhal e anda de noite por toda a parte a levar, nas hastes finas, os maus meninos. Cuidado, pois! Que a Cabra-cabriola fala como gente, corre e salta como o vento, tem o pélo encarniçado e tem mais força nas hastes para levar os meninos que os papás têm nas mãos para os castigar.

FIM

CORRESPONDENCIA

*Lia* — Desculpe a demora. Pode mandar os contos que quiser. Depois veremos se são ou não aproveitáveis.

*Noémia Cruz* — Continuo esperando o que prometeu. *Américo Taborda* — Esqueceste as condições, que mais uma vez repito. Os desenhos devem ser feitos em papel sem linhas e a tinta preta. Um grande abraço.

*Bernardo Venancio da Silva* — Lê as recomendações que dou ao teu «primo» Américo Taborda.

*Arpa* — Escreva para a Redacção do Século — Pim-Pam, Pam — Rua do Seculo, 43.

Não garanto se serão publicados. *Maria Suzana B. Martins* — Os contos, desenhos ou anedotas, devem vir sempre em papeis separados, escritos de um só lado. Percebeste?

*Alberto Osório* — Vou ilustrar o teu conto «A varinha de condão». Estás de acordo?

*Julto de Carvalho Henriques* — Recebi só a tua última história. É engraçada e depois de umas pancadinhas talvez se publique.

*Lucio Arrêne Antunes* — Conheço a tua história de um livro de estudo.

*Francisco Rasquinho* — Já recebeste a minha resposta?

*António da Silva Pacheco* — A minha resposta é esta: Apesar de ter 17 anos, copiou palavra por palavra uma história publicada num outro jornal.

TIOTÓNIO

ADIVINHAS  
(PROVERBIOS POR INICIAIS)

1.<sup>o</sup>  
N. E. A. Q. S. D. S. T. C.  
1 1 3 1 1 1 1 3

2.<sup>o</sup>  
N. T. Q. L. E. O.  
1 2 1 1 1 2

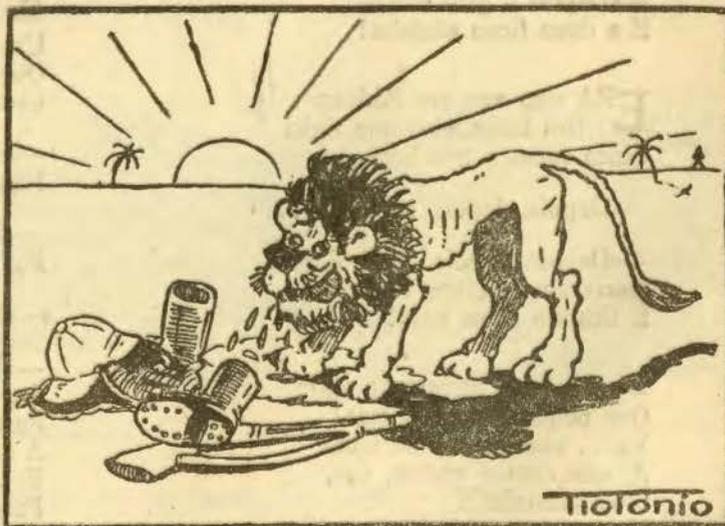
3.<sup>o</sup>  
Q. C. P. G. N. C.  
1 2 1 2 1 2

Decifrações do penúltimo número:

- 1 — Ferro
- 2 — Carta

Decifrações do número anterior:

- 1.<sup>o</sup> — Gato escaldado de água fria tem medo
- 2.<sup>o</sup> — Mocidade ociosa tráz velhice vergonha
- 3.<sup>o</sup> — Cada um em sua casa é rei
- 4.<sup>o</sup> — De vagar se vai ao longe
- 5.<sup>o</sup> — Se queres bom conselho pede-o ao velho
- 6.<sup>o</sup> — Não faças aos outros o que não queres que te façam.



Tiotónio

MENINOS

Um caçador de feras, foi devorado por este leão, excepto a cabeça que era ruim de roer. Vejam se a descobrem!



# As histórias da avòsinha

Por AUGUSTO de SANTA-RITA — Desenho de EDUARDO MALTA

**E**RA uma vez um bichano,  
Lindo gatinho maltez,  
Que até tocava piano  
E que falava francês...!

—«Depois, depois, avòsinha,  
O que foi que aconteceu?...»

—«Depois o gato morreu  
E a dona ficou sòzinha!

**E**RA uma vez em Midões,  
Um fazendeiro que tinha  
Cinco vacas e três bois...

—«Depois, depois, avòsinha?...»

—«Depois, depois... ah depois  
Morreram as cinco vacas  
E ficaram só os bois!

—«Avòsinha, assim não vale;  
Que pequeninas histórias!  
Vá... conte-nos uma igual  
A' que contou ontem, sim,  
Sim, avòsinha?!  
Uma assim:  
Em que entre alguma rainha!...  
Que meta guerras, vitórias,  
Um príncipe, um general,  
E uma pombinha que ao fim,  
De surpresa,

Se torne numa princesa  
Muito linda, muito linda!»

—«Oçam, então,  
Atenção!  
Que esta não contei ainda.»

**E**RA uma vez, numa terra,  
Lá por detrás duma serra,  
Um rei de muitos estados,  
Que um dia foi para a guerra  
Com dez milhões de soldados!

—«Depois, avó?! Conte... conte,  
Não adormeça!... a avó dorme?!»

—«Eis que chegam a uma ponte  
Por cima de um rio enorme:

—«E depois, avó; depois?...»

—«Puzeram-se a atravessar  
A ponte de lado a lado;  
Passa o rei, passa um soldado,  
A seguir passam mais dois  
E, tuque-tuque, a marchar  
Passa mais um, muito lesto...»

—«E depois, avó, depois?...»

—«Não posso contar o resto  
Porque inda vão a passar!

(INÉDITO)